



Territórios, paisagens e memórias: Diálogos interdisciplinares sobre patrimônios e identidades

Gabriela Ellen Malerba¹

Arquiteta e Urbanista/Curso de Geografia, Instituto Federal de São Paulo (IFSP), São Paulo, Brasil,
malerba.gabriela@aluno.ifsp.edu.br

A GENTRIFICAÇÃO DA PAISAGEM NO BIXIGA (2000–2026): TRANSFORMAÇÃO URBANA, MEMÓRIA NEGRA E DISPUTAS PELO TERRITÓRIO

ST3: Paisagens e paisagismos

RESUMO

Este trabalho analisa as transformações da paisagem do Bixiga, em São Paulo, entre 2000 e 2026, considerando as relações entre valorização urbana, memória negra, territorialidade e infraestrutura. O objetivo é compreender de que maneira as mudanças recentes reconfiguram usos, representações e formas de permanência no território. A pesquisa adota abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica, análise documental e vivência do espaço urbano por meio da deriva. O referencial mobiliza discussões sobre território, memória, pertencimento e gentrificação, com destaque para Raffestin, Tuan, Neil Smith (via Mitchell) e Castro, além da perspectiva de quilombo urbano em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. Os resultados indicam que a paisagem do bairro é formada pela sobreposição de diferentes temporalidades, entre a representação do Bixiga como bairro italiano, a permanência de práticas culturais negras e as intervenções urbanas recentes. A implantação da Linha 6-Laranja evidencia essa disputa, especialmente diante dos vestígios associados ao antigo Quilombo Saracura e da atuação do IPHAN em sua preservação, que resultou na paralisação temporária das obras e na exigência de integração do patrimônio resgatado ao projeto final. Conclui-se que a transformação urbana produz mudanças materiais e simbólicas, mas não elimina as formas de resistência e pertencimento que permanecem no território.

PALAVRAS-CHAVE: território; valorização urbana; memória; pertencimento; infraestrutura.

LANDSCAPE GENTRIFICATION IN BIXIGA (2000–2026): URBAN TRANSFORMATION, BLACK MEMORY AND TERRITORIAL DISPUTES

ABSTRACT

*This paper analyzes transformations in the landscape of Bixiga, São Paulo, between 2000 and 2026, considering the relationships among urban valorization, Black memory, territoriality, and infrastructure. The aim is to understand how recent changes have reconfigured uses, representations, and forms of permanence within the territory. The research adopts a qualitative approach, combining a literature review, documentary analysis, and the experience of urban space through *dérive*. The theoretical framework draws on discussions of territory, memory, belonging, and gentrification, with particular emphasis on Raffestin, Tuan, Neil Smith (via Mitchell), and Castro, as well as the perspective of the urban quilombo developed by Beatriz Nascimento and Clóvis Moura. The results indicate that the neighborhood's landscape is shaped by the overlapping of different temporalities, including the representation of Bixiga as an Italian neighborhood, the persistence of Black cultural practices, and recent urban interventions. The implementation of Line 6–Orange highlights this dispute, particularly in relation to archaeological remains associated with the former Saracura Quilombo and IPHAN's preservation efforts, which resulted in the temporary suspension of construction work and the requirement that the recovered heritage be incorporated into the final project. The study concludes that urban transformation produces material and symbolic changes but does not eliminate the forms of resistance and belonging that persist within the territory.*

KEYWORDS: territory; urban valorization; memory; belonging; infrastructure.

INTRODUÇÃO

O Bixiga, localizado na região central de São Paulo, constitui uma paisagem marcada pela sobreposição de diferentes temporalidades, grupos sociais e práticas culturais. Sua representação contemporânea está fortemente associada à presença italiana, à culinária e às festividades, mas a formação do território também está profundamente ancorada na presença histórica da população negra e na memória do Quilombo Saracura. Castro (2008) contribui para compreender o bairro como espaço afro-italiano, no qual diferentes referências culturais participam da construção da paisagem.

A presença italiana não é tratada nesta pesquisa como elemento externo ou negativo, mas como uma das dimensões efetivas da história do Bixiga. O ponto de atenção está na forma como determinadas referências adquirem maior visibilidade na representação do território, enquanto outras permanecem sub-representadas ou secundarizadas no imaginário hegemônico. A paisagem negra expressa-se em práticas cotidianas, na trajetória da Escola de Samba Vai-Vai (Gonçalves, 2014) e nas memórias territoriais associadas ao Saracura. Essa coexistência revela uma paisagem plural, contudo atravessada por contínuas disputas de representação. Entende-se, assim, que a paisagem não é apenas uma superfície visual estática ou resultado passivo das intervenções urbanas, mas uma dimensão política ativa que reflete e tensiona as disputas pelo espaço. Essa dimensão também se expressa nas disputas por visibilidade e reconhecimento no território.

Essa discussão requer considerar as condições históricas de inserção dos grupos sociais na cidade. No processo de transição do trabalho escravizado para o trabalho livre, São Paulo desenvolveu políticas públicas de incentivo à imigração europeia vinculadas à formação do mercado de trabalho e à economia cafeeira. Holloway (1984) demonstra a relevância dessas políticas para a incorporação dos imigrantes à estrutura econômica paulista. Paralelamente, a população negra no pós-abolição enfrentou a ausência deliberada de políticas de integração socioeconômica capazes de assegurar equidade no acesso ao trabalho, à propriedade e à moradia. Essa assimetria histórica fundamenta as condições desiguais de permanência e visibilidade no território urbano contemporâneo.

A partir dos anos 2000, o Bixiga passou por reconfigurações aceleradas associadas à valorização imobiliária e a intervenções de infraestrutura. Entre elas, destaca-se a implantação da Linha 6-Laranja do Metrô, notadamente na área da Estação 14 Bis-Saracura. A identificação de vestígios arqueológicos associados ao antigo Quilombo Saracura durante as escavações e a atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2025) evidenciam que a modernização infraestrutural incide sobre um território historicamente constituído por camadas de resistência negra. Como conceituam Nascimento (1985) e Moura (1987), o quilombo ultrapassa a dimensão de artefato histórico passivo; configura um contínuo processo de resistência e territorialidade que ressurge no debate urbano.

Diante desse cenário, o problema que orienta este artigo é: *de que maneira as transformações urbanas ocorridas no Bixiga entre 2000 e 2026 reconfiguram a paisagem e as formas de permanência e representação da memória e da cultura negra?* Parte-se da hipótese de que as intervenções recentes e a valorização do solo produzem tensões entre a reestruturação econômica do espaço e as práticas e memórias historicamente vinculadas ao bairro. O objetivo é analisar essas transformações articulando as categorias de paisagem, território, memória, infraestrutura e gentrificação.

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa e articula revisão bibliográfica, análise documental e vivência do espaço urbano por meio do procedimento da deriva. A revisão teórica contempla estudos sobre a formação histórica do Bixiga, presença negra, Quilombo Saracura, territorialidade, paisagem e gentrificação. Mobiliza-se Raffestin (1993) para interpretar território e relações de poder; Tuan (1980) e Bell Hooks (2022) para discutir os vínculos afetivos e o pertencimento aos lugares; e Mitchell (2021), a partir de Neil Smith, para aprofundar a dimensão econômica da valorização diferencial do solo.

urbano e da gentrificação. As reflexões de Nascimento (1980, 1985) e Moura (1987) ancoram a apreensão do quilombismo e da resistência cultural negra.

A análise documental incorpora posicionamentos e dados do IPHAN (2025) sobre a salvaguarda do patrimônio arqueológico no contexto da Linha 6-Laranja. A deriva é empregada como procedimento de leitura crítica da paisagem, permitindo apreender *in loco* os usos do solo, o comércio, os espaços de sociabilidade comunitária, as intervenções de engenharia e os contrastes visuais do processo de valorização. O intuito não é mensurar estatisticamente a gentrificação, mas apreender como suas manifestações materiais e simbólicas afetam as relações de pertencimento no espaço vivido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura da paisagem do Bixiga revela um espaço composto pela sobreposição de diferentes temporalidades e matrizes culturais. Na dimensão morfológica, essa coexistência se reflete em marcas físicas bastante evidentes no bairro: de um lado, a hegemonia italiana é visível no casario preservado, nas cantinas tradicionais da Rua Treze de Maio e nos espaços associados à Festa de Nossa Senhora Achiropita; de outro, a presença negra se materializa em pontos de sociabilidade, na memória da Rua São Vicente — antigo perímetro da quadra da Vai-Vai —, em espaços de culto e no traçado subterrâneo do Rio Saracura. A questão analítica central consiste em compreender como essas memórias se expressam na paisagem e contam com diferentes formas de reconhecimento institucional e patrimonial. Essa diferença pode ser observada na antiga quadra da Vai-Vai, na Igreja Nossa Senhora Achiropita e nos vestígios arqueológicos do Saracura/14 Bis, que materializam diferentes camadas da memória do bairro.

Figura 1 – Diferentes formas de permanência e reconhecimento da memória na paisagem do Bixiga: (A) Caminhada de Ogum em frente à sede da Vai-Vai; (B) Igreja Nossa Senhora Achiropita; (C) Vestígios arqueológicos do Saracura/14 Bis. Fonte: (A) Instituto Bixiga (2021); (B) Cavallari (2025), em Pescarini (2025); (C) IPHAN (2025).

(A)



(B)



(C)



Essa disparidade remonta às condições históricas do mercado de trabalho livre. Conforme Holloway (1984), a subvenção estatal à imigração garantiu aos europeus um ponto de partida favorecido na estrutura produtiva paulista, ao passo que a população negra liberta foi submetida à informalidade e à precarização territorial. Raffestin (1993) permite interpretar que essas assimetrias históricas se rebatem nas relações de poder que produzem o espaço: alterar o uso de um imóvel ou equipamento cultural altera diretamente os sujeitos autorizados a permanecer e circular no território.

A gentrificação é operada neste estudo como chave crítica. A partir da contribuição de Neil Smith (Mitchell, 2021), observa-se como a atração de capital e a valorização imobiliária reconfiguram a paisagem. O processo no Bixiga expõe contornos complexos: a remoção da sede da Vai-Vai e a construção de novos edifícios verticais alteraram sensivelmente a materialidade da área.

Contudo, os impactos mais marcantes ocorreram nas obras da Estação 14 Bis-Saracura da Linha 6-Laranja. A localização de milhares de vestígios arqueológicos e de estruturas associadas ao Quilombo Saracura levou à atuação do IPHAN (2025) na proteção e salvaguarda do sítio arqueológico, com medidas de preservação, pesquisa e resgate do material encontrado, além da previsão de exposição do patrimônio resgatado na própria estação. Esse processo demonstra que a implantação de grande infraestrutura não atua sobre uma superfície neutra; o surgimento dos vestígios tensionou a lógica puramente técnica da obra e colocou a salvaguarda da memória negra como ponto central da intervenção urbana no bairro.

Sob a ótica de Tuan (1980) e bell hooks (2022), a dimensão afetiva e a cultura do lugar revelam que o território é suporte de identidades. A desterritorialização de um espaço comunitário gera conflitos que ultrapassam a dimensão física, atingindo a reprodução da vida e da memória coletiva. Em escala local, a reexistência da comunidade e das manifestações afro-brasileiras indica que a gentrificação não resulta em um apagamento passivo, mas em uma disputa contínua pelo direito à paisagem e ao território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia o Bixiga como uma paisagem dinâmica, moldada pela sobreposição da tradição italiana, das memórias e práticas negras, do uso popular e das recentes pressões de valorização imobiliária e de infraestrutura. O resgate das condições históricas do pós-abolição (Holloway, 1984) e da práxis do quilombismo (Nascimento, 1980; Moura, 1987) permite superar visões folclorizadas do bairro, reconhecendo as assimetrias na produção do espaço urbano.

As categorias de poder (Raffestin, 1993), gentrificação (Mitchell; Smith, 2021) e topofilia (Tuan, 1980; hooks, 2022) demonstram que obras de infraestrutura como a Linha 6-Laranja e os achados cancelados pelo IPHAN (2025) reconfiguram tanto a dimensão física quanto a dimensão simbólica do Bixiga. O desdobramento das escavações na Estação 14 Bis-Saracura confirma que a preservação do patrimônio arqueológico e as adequações impostas à obra pública operam como forças concretas de resistência territorial. Conclui-se que a paisagem do Bixiga permanece como um território plural e efervescente de disputa, onde a memória negra atua como força ativa de permanência e resistência.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Márcio Sampaio de. **Bexiga: um bairro afro-italiano**. São Paulo: Annablume, 2008.

CAVALLARI, Rubens. Igreja Nossa Senhora Achiropita, no Bixiga, completa seu centenário em 2026. 2025. 1 fotografia. In: PESCARINI, Fábio. Comunidade do Bixiga, em SP, arrecada recursos para restaurar igreja da Achiropita. Folha de S.Paulo, São Paulo, 5 out. 2025. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/10/comunidade-do-bixiga-em-sp-arrecada-recursos-para-restaurar-igreja-da-achiropita.shtml>. Acesso em: 24 set. 2026.

GONÇALVES, Thiago Rodrigues. **O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2014.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Tradução de Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

INSTITUTO BIXIGA. [Caminhada de Ogum em frente à sede da Vai-Vai]. 2021. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/escavando-memorias-nos-vestigios-arqueologicos-do-quilombo-saracura/> Acesso em: 24 set. 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Iphan atua em favor da preservação de vestígios de antigo quilombo Saracura em São Paulo (SP)**. Brasília, DF: Iphan, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/iphan-atua-em-favor-da-preservacao-de-vestigios-de-antigo-quilombo-saracura-em-sao-paulo-sp>. Acesso em: 06 ago. 2026.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Iphan atua em favor da preservação de vestígios de antigo quilombo Saracura, em São Paulo (SP). Gov.br, 28 fev. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/iphan-atua-em-favor-da-preservacao-de-vestigios-de-antigo-quilombo-saracura-em-sao-paulo-sp> . Acesso em: 24 sep. 2026.

MITCHELL, Don. Neil Smith, 1954-2012: geografia radical, geógrafo marxista, geógrafo revolucionário. Tradução de Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim, Clarissa Maciel Cavalcante e Rosana de Campos Fernandes. **Revista Geografias**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 145-194, 2021. DOI: 10.35699/2237-549X.2021.34402.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: a raça negra em busca da liberdade**. São Paulo: Ática, 1987.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodíaspóra**, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.